

## Sobre culturas alimentares e a erradicação da fome no Brasil

Todos nós comemos para viver, mas, se estudarmos a história da alimentação, vamos perceber que a suposta objetividade dessa questão nunca existiu. A alimentação é um fenômeno sociocultural que expressa desde as relações de partilha, afeto e emoções até o plano das relações sociais, econômicas e de poder político. A comida pode ser compreendida como uma expressão cultural e conceitual do que nos constitui enquanto sociedade.

As nossas escolhas alimentares são determinadas pelos aspectos econômicos, políticos e socioculturais. Só comemos o que é identificado como comestível, e só é comestível o que as culturas reconhecem. Ainda que na atualidade a dimensão individual do comer seja super estimada, ninguém come sozinho. Há sempre um sentido simbólico para as escolhas alimentares em diálogo com teias, redes ou arranjos de práticas e rituais que expressam nossos valores e significados coletivos. Tudo o que as pessoas são, pensam e fazem, seus atos e as suas consequências, são sempre significantes de algo. Por isso, o comportamento social, que está impregnado de valores éticos e morais, não pode ser reduzido a uma análise do comportamento individual.

Cozinhar e comer fazem parte das práticas do cotidiano da vida das pessoas. As práticas de comensalidade se modificam em relação às sociedades que as concebem. Estar “sentado à mesa” para a partilha das comidas tem um significado importante para o ocidente, contudo, para outras sociedades, como as indígenas, a mesa não está presente nos momentos de partilhas.

Os modos de comer se modificam em consonância com a realidade do seu tempo. No contexto atual, o “comer junto” ganhou outros contornos, principalmente após a pandemia de covid-19, que consolidou uma ruptura importante aos modos de viver. Há uma participação relevante do uso de tecnologias e ambientes virtuais mediando o ato de cozinhar e de comer. Além da televisão, o computador, *videogames* e também os diversos dispositivos móveis, como os *smartphones*, passaram a fazer parte das comensalidades. Pode-se estar junto não apenas presencialmente. Há quem esteja na mesa com alguns fisicamente ao seu lado, mas conectado e interagindo com outros *on-line*. Há quem esteja fazendo uma refeição sem acompanhantes, mas por meio de ligações ou videoconferências partilha o momento com alguém distante.

Comemos em lugares que extrapolam o espaço da mesa, como a cama e o sofá, e que vão além do ambiente doméstico, como o ato de comer ao lado de

desconhecidos em um restaurante ou alimentar-se em pé, na rua, próximo a ambulantes ou ao *food truck*.

As políticas de fortalecimento do setor industrial para a disponibilidade dos produtos alimentícios ultraprocessados de preparo rápido, com um forte apelo publicitário, são determinantes para as mudanças nas escolhas alimentares. Por outro lado, a falta de fomento para programas de abastecimento e produção de alimentos saudáveis e a rigidez do processo de industrialização para grandes redes causam dificuldades para o acesso, valorização e comercialização de alimentos produzidos em escala artesanal. As excessivas regulamentações sobre higiene e manipulação de alimentos com o propósito de conferir credibilidade e segurança sanitária aos alimentos vem gerando grande impacto em termos de custo, identidade cultural dos alimentos e rituais de preparação: comida.

Assim, o modo de comer moderno expressa contradições inerentes da ordem econômica vigente que também determinam situações de fome e (in)segurança alimentar e nutricional, refletindo a lógica da subalternização de minorias, racismo, consumismo e mercadorização dos processos sociais, em meio a valores culturais tencionados por diferentes crises políticas, éticas e ambientais. A concepção clássica de comensalidade acoberta tensões, conflitos e violências por meio de aspectos simbólicos que marcam subjetividades, desigualdades e cruzamentos interseccionais.

As interseccionalidades são uma matriz analítica que permite perceber e identificar o impacto dos processos, violências, ações e/ou políticas, ao longo dos sistemas de poder que organizam a vida em sociedade. No Brasil, a herança estrutural da escravidão, racismo, colonialismo e cisheteropatriacado produz “avenidas” identitárias, onde os não brancos cishetero, especialmente as mulheres, são afetadas no espaço de cruzamento e sobreposição entre raça, classe e gênero.

Analisar a comensalidade sob a perspectiva interseccional provoca deslocamentos importantes. Inicialmente a compreensão de que são comensalidades, plurais e diversas. Depois, o questionamento ao “modelo” eurocentrado, patriarcal, machista e racista, que encobre desigualdades de classe e violências de gênero na imagem da ‘família de comercial de margarina’. A sociabilidade e as diferenças sociais se manifestam na comida compartilhada, mas nem sempre de maneira harmônica. É no cotidiano que os conflitos, os preconceitos e as emoções emergem. Comer junto nem sempre é bom, e pode tornar-se um momento de tensão, provocado ou provocando situações de violência, assédio ou desagregação. Assim, também é possível compreender as práticas de comensalidades a partir do (re)encontro com as origens culturais dos povos e comunidades em uma perspectiva decolonial, a qual rejeita a modernidade excludente como narrativa e (re)ativa as memórias culturais e ancestrais

ocultadas pelo longo período de apropriação indevida de saberes e sabores, que vão desde as receitas culinárias ancestrais até as medidas de regulação da indústria alimentícia na resistência à captura corporativa dos sistemas alimentares que ameaçam a soberania alimentar dos países.

No dia 16 de outubro a FAO comemora o *Dia Mundial da Alimentação*. Em 2014 o Brasil saiu do Mapa da Fome, ainda que entre indígenas, quilombolas e povos e comunidades tradicionais ela tenha persistido. São esses os segmentos que têm maior nível de violação de direitos, e suas identidades culturais e alimentares. Após oito anos de governos neoliberais e autoritários, a fome está de volta e impacta 33 milhões de pessoas, com destaque para os domicílios chefiados por mulheres negras. Em 2023, com o resgate da democracia e a eleição de um governo comprometido com a justiça social, retomamos esse desafio. Espero que tenhamos coragem de enfrentar as causas estruturantes que violam o direito humano à alimentação dos povos. Promover o acesso à terra e ao território e a produção de alimentos regionais da agricultura familiar é uma medida estratégica para erradicar a fome no Brasil.